

ALGUNS PERSONAGENS DO METODISMO

John Wesley



Nascimento e Infância

Em 17 de julho de 1703 nasceu em Lincolnshire, na Inglaterra, o fundador da Igreja Metodista: John Wesley, cuja mãe chamava-se Susanna, era o 12º dos dezoito filhos do reverendo Samuel Wesley, um pároco de Epworth.

Quando completava seis anos, quase perdeu a vida num incêndio à noite, provocado por um grupo de malfeitores. O fogo se alastrava no teto de palha da paróquia onde eles moravam, começando a estilhaçar brasas sobre as camas. Subitamente, Hetty Wesley, um dos irmãos menores, acordou assustado e correu até o quarto de sua mãe. E logo todo mundo estava em pé, tentando conter o domínio das chamas, enquanto a pequena criada, agarrando o bebê Charles nos braços, chamava as crianças para um lugar mais seguro. A essa altura, Twice Susanna Wesley forçava a porta contra as costas, numa tentativa desenfreada de proteger-se.

A família finalmente conseguiu sair de casa e, apavorada, reuniu-se no jardim, pois descobrira que o pequeno Jackie havia ficado lá dentro dormindo. Voltaram correndo, mas era tarde: a escada estava em cinzas e tornava impossível resgatá-lo. O rapaz chegou até aparecer na janela, porém não podiam segurá-lo, visto que a casa ficava no segundo piso. Todavia, um pequeno homem pulou sobre os largos ombros do pai de Wesley e, num esforço desmedido, conseguiu salvar a criança.

Um Estudante de Cristo

Conseqüentemente, uma profunda ternura passou a residir no coração de Jackie que, mesmo depois de homem, considerava que havia escapado aquela noite porque Deus tinha um propósito muito especial em sua vida. Várias vezes ele chegou a comemorar este dia em seu diário secreto que escreveu: "Arrancado das Chamas".

Seis anos depois, em Charter House School, Jackie matriculou-se na Universidade em Oxford, tornando-se um estudante da igreja de Cristo. Quatro anos mais tarde graduou-se em bacharel de artes e em 1726 foi eleito acadêmico do Colégio Lincoln.

Enquanto John Wesley era ordenado ao ministério e ajudava o pai em casa, Charles, o irmão mais novo, organizava em Oxford um pequeno grupo de estudantes para orações regulares, estudos bíblicos e outros serviços cristãos. O Clube Santo, como era chamado, incluía vários integrantes, que, mais tarde, tornaram-se pioneiros de um avivamento, ocorrido no século XVIII, destacando-se, entre outros, George Whitefield.

Obedecendo ao Senhor, John Wesley viajou para colônia em Geórgia, como capelão, em 1736. Charles nesta época, era secretário do governador e o piedoso trabalho em Geórgia, embora com muitas lutas, teve sucesso mais tarde. O reverendo George Whitfield, depois de visitar a sede do movimento, escreveu: "O eficiente trabalho de John Wesley na

América é impressionante. Seu nome é muito precioso entre o povo, pois tem edificado as fundações que, espero, nem homens nem demônios a abalem".

Aprendendo a Confiar

Em contato com German Moravian Christians na América, Wesley questionava sobre as verdades cristãs. Sabia muito bem que o êxito de seus trabalhos estava nas mãos de Deus e, por isso, começou a buscá-lo em oração. Não demorou muito tempo e, em 24 de maio de 1738, acabou encontrando a resposta quando, de volta para a Inglaterra, resolveu registrar tudo quanto acontecera naquele dia:

"A tarde, visitando a sociedade em Aldersgate Street, li o 'Prefácio da epístola aos Romanos' na versão de Lutero, cujas palavras tocaram-me profundamente. Senti meu coração bater fortemente. E, desde aquele momento, aprendi a confiar em Cristo como meu Salvador. Estou seguro de que os meus pecados estão perdoados. Me salvei da lei do pecado e da morte".

Esta experiência mudou o rumo da vida de Wesley que, a partir daquele momento, passou a ser uma nova criatura, sendo consagrado o maior apóstolo da Inglaterra.

John Wesley começou o trabalho de pregação ao ar livre quando viajava para Bristol a fim de ajudar George Whitfield, que na época era conhecido como o mais eloquente pregador da Inglaterra. Wesley, a princípio, rejeitou a idéia, mas uma vez convencido da vontade de Deus, acabou se tornando mais famoso que Whitefield. Viajava 11 quilômetros por ano. Experimentou os mais cruéis sofrimentos e oposições em toda sua vida. Estava freqüentemente em perigo.

Embora fosse sábio e proeminente, o itinerante evangelista era um homem simples e executou muitas obras sociais. As suas poderosas mensagens muito influenciaram a igreja que, no ano de 1739, adquiriu uma sede para o movimento protestante, que crescia vertiginosamente. Comprou uma casa de fundição em ruínas, na cidade de Moorfield, e transformou-a num templo. O prédio passou por uma rigorosa reforma que custou, na época, 800 libras (quantia superior ao da compra que foi de 115 libras), mas valeu a pena. Depois de pronta, a capela passou a comportar cerca de mil e quinhentas pessoas.

Era o primeiro edifício metodista em Londres, onde a verdadeira doutrina de Cristo era proclamada. Pessoas sedentas por ouvir a gloriosa mensagem do evangelho cruzavam todos os domingos a escuridão das estradas de Moorfield com lanternas, para ouvir os ensinamentos de Wesley. O prédio dispunha de sala de reuniões, com capacidade para 300 pessoas, sala de aula e biblioteca.

Mais tarde, John Wesley instalou a sua própria casa na parte superior da capela, onde passou a morar com a sua família. Em 1746, abriu um centro de atendimento médico e escola gratuitos, com capacidade para 60 estudantes, contratou farmacêutico, cirurgião e dois professores e, em 1748, alugou uma casa conjugada para refugiar viúvas e crianças.

Muitos foram os patrimônios conseguidos pela igreja durante os 40 anos do movimento metodista em Moorfield, organizada por John Wesley. Entretanto, devido a expiração do contrato imobiliário, a sede teve de mudar-se para um outro lugar.

Próximo dali, em City House, encontrava-se um vasto campo onde jaziam os túmulos de Bunhill Field e o de sua mãe Sussana Wesley. Um lugar de pântanos, recentemente aterrado, onde foi construída a catedral de Saint Paul. Havia também no local algumas pedras de moinho, utilizadas para moer milho trazido do Thames, que era transformado em trigo.

John Wesley alugou quatro mil metros quadrados destas terras em 1777 para construir a nova capela. E, finalmente, em 21 de abril do mesmo ano, sob forte chuva, lançou a pedra fundamental, com a seguinte gravação: "Provavelmente, esta pedra não será vista por algum

olho humano, mas permanecerá até que a terra e o trabalho sejam consumados". Naquele dia, Wesley improvisou um púlpito sobre a pedra e pregou em Nm 23.23.

A Recompensa

Em 1 de novembro de 1778, dezoito meses depois, no Dia de Todos os Santos, a capela estava próxima de ser aberta para a adoração pública. Apesar dos ventos das dificuldades (além de ter contraído muitas dívidas, os trabalhadores tiveram as ferramentas roubadas), Deus recompensou grandemente o esforço de Wesley, levantando voluntários dentre os membros. O rei George III, por exemplo, doou mastros de navios de guerra para o suporte das galerias.

Conta a história que um certo dia Wesley ficou de um lado do templo e Taylor, um dos cooperadores do outro, com os chapéus nas mãos, e conseguiram arrecadar 7 libras; o suficiente para a conclusão das obras. Toda a galeria foi coberta com gesso e os bancos de madeira de carvalho, doadas pelas igrejas da América, Canadá, Sul da África, Austrália, Oeste da Índia e Irlanda. As janelas vitrificadas, as impressões no teto foram trabalhadas no estilo Adams (réplica antiga), e a casa de Wesley construída num pátio em frente à capela. Estas raridades, depois de reformadas em 1880, no centenário da morte de Wesley, memorizam as epopéias deste bravo soldado de Cristo.

Sua Morte

Mesmo depois de velho quase cego e paralítico, John Wesley continuava pregando em City Road e Latherhead. E, quando percebeu que sua vida estava chegando ao fim sentou-se numa cama, bebeu um chá e cantou:

"Quando alegre eu deitar este corpo e minha vida for coroada de bênção, quão triunfante será o meu fim!

Eu glorificarei a meu Criador enquanto tenho fôlego;

E, quando a minha voz se perder na morte, empregarei minhas forças; em meus dias o glorificarei enquanto tiver fôlego até o fim de minha existência".

Wesley foi enterrado no Jardim-túmulo, em frente à capela em City Road, sob as luzes das lanternas, na manhã de 2 de março de 1791. Morreu com os olhos abertos e balbuciando a seguinte palavra: "Farwell" (adeus). Cerca de 10 mil pessoas acompanharam o funeral. E a lápide até hoje indica o significado histórico: "À memória do venerável John Wesley: o último companheiro do Lincoln College, Oxford..."

Fonte: Revista Obreiro Aprovado
(Fev/Mar 1996)

Charles Wesley



De uma gravura da autoria de W. H. Gibbs, na Biblioteca da Sociedade Histórica Wesleyana, em Southlands College, Wimbledon.

Charles Wesley (1707-88) era o irmão mais novo, tendo-se tornado amigo e apoiante de John e ocasionalmente seu crítico. A ligação entre eles era tão forte que as suas diferenças de opinião nunca provocaram mais do que uma frieza temporária.

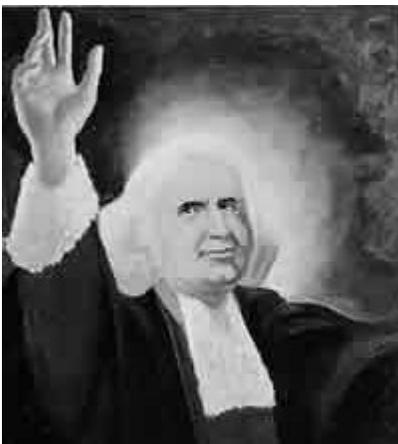
Tal como John, Charles foi ordenado na Igreja Anglicana e permaneceu fiel a ela. Nos primeiros anos, após as suas conversões Charles também percorreu o país a cavalo, pregando.

Em 1749 casou com Sara Gwynne e juntamente com os filhos de Samuel e Susanna Wesley gozou de grande paz familiar. Mais tarde o casal fixou-se primeiramente em Bristol e depois em Londres, onde exerceu o seu ministério junto dos Metodistas ali residentes.

Charles é principalmente lembrado e amado pelos seus hinos - escreveu mais de 7.000. Foi o maior escritor Inglês de hinos de todos os tempos.

É possível conferir alguns desses hinos no site http://www.cyberhymnal.org/bio/w/e/wesley_c.htm

George Whitefield



" Pregava para as multidões ao ar livre, porque as igrejas na Inglaterra do século 18 não o recebiam"

A partir de 1737, com apenas 23 anos, George Whitefield (1714-1770) assustou a Inglaterra com uma série de sermões que transformaram a sociedade britânica. Atacado pelo clero, pela imprensa e até por uma multidão de insatisfeitos, Whitefield se tomou o pregador mais popular naquela época. Entretanto, antes disso, ele passou por situações muito

semelhantes as que experimentam alguns missionários nos dias atuais. Repetidas vezes, ele teve de pregar fora dos portões do templo pelo simples fato de sua pregação apaixonada ser muito distante da usual formalidade dos pastores daquele tempo. Ele chegou a ser agredido em algumas ocasiões. Na cidade de Basingstoke, por exemplo, foi espancado a pauladas. Em Moorfield, destruíram a mesa que lhe servia de púlpito. Em Exeter, durante uma pregação para dez mil pessoas, Whitefield foi apedrejado.

Nada, porém, podia conter aquela mensagem. A influência de Whitefield cresceu de tal forma que ele era capaz de manter atentas 20 mil pessoas, encantadas com seus sermões, por mais de duas horas. Durante 34 anos, a voz de George Whitefield ressoou na Inglaterra e América do Norte. Whitefield era um calvinista firme, de origem metodista. Era um evangelista agressivo que cruzou o Oceano Atlântico 13 vezes a fim de proclamar a salvação também na América. Ele se tornou o pregador favorito dos mineiros de carvão e dos valentões de Londres porque ia até eles em vez de esperá-los dentro das igrejas.

Histórico familiar - Whitefield, um pregador fascinante, contrariou todas as teorias "deterministas". Nasceu em uma taberna em que eram servidas bebidas alcoólicas e morreu pregando a Palavra de Deus como um dos mais sérios servos de Deus de toda a História. Seu pai faleceu quando ele ainda era um bebê. Sua mãe se casou novamente, mas a nova união não melhorou as coisas para o pequeno George, que continuava a limpar os quartos, lavar roupas e servir bebidas aos hóspedes da pensão de sua mãe.

No entanto, apesar de sua família não ser convertida ao Evangelho, Whitefield gostava de ler a Bíblia. Alguns historiadores afirmam que ele foi orientado a manter contato com a Escritura Sagrada por alguns clientes que passavam pela estalagem. Outros, no entanto, preferem atribuir o interesse de George pela Palavra a um milagre de Deus. O fato é que, desde cedo, ele demonstrou talento para a oratória. Alguns anos mais tarde, quando estudava no Pembroke College, em Oxford, Whitefield reunia com frequência pequenos grupos de colegas em seus aposentos com o propósito de orar e estudar a Bíblia. Conta-se que não eram raras as ocasiões em que os presentes recebiam o batismo com o Espírito Santo.

Os biógrafos asseveram que ele dividia seu tempo livre de tal forma a ficar, aproximadamente, oito horas por dia em devoção a Deus. Na época, ainda jovem, trabalhava como garçom em bares noturnos como meio de sobrevivência. Naquele exato período de sua vida, o futuro pregador conheceu John Wesley e foi, então, que começaram a jejuar e a estudar a Bíblia. Whitefield compilou alguns dos conceitos mais famosos de Wesley, dentre eles: A verdadeira religião é a união da alma com Deus e a formação de Cristo em nós.

Ainda muito cedo, Whitefield teve de voltar para a casa de sua mãe para poder recuperar-se de um problema respiratório que o assolou em todo o seu ministério.

Para não perder o objetivo da obra de Deus, entretanto, George Whitefield montou uma pequena classe de estudos Bíblicos e começou a visitar os pobres e doentes da região. Os membros de sua igreja não ficaram indiferentes aquele talento e, embora fosse norma não consagrar ao pastorado alguém com menos de 23 anos, Whitefield tornou-se ministro do Evangelho aos 21 anos, por insistência daquela igreja. Mesmo antes de cumprir sua determinação pessoal, de escrever cem sermões para, mais tarde, apresentá-los à igreja e pleitear sua ordenação, Whitefield aceitou o desafio.

Suas primeiras pregações como ministro do Evangelho foram tão intensas, que algumas pessoas se assustaram. Os anciões da igreja, no entanto, deram-lhe apoio e ele entendeu, naquele gesto, uma lição que escrevera para a posteridade:

Desejo, todas as vezes que subir ao púlpito, considerar essa oportunidade como a última que me é dada de pregar; e a última dada ao povo para ouvir a Palavra de Deus. Curiosamente ele, raramente, pregava sem chorar: Vós me censurais por que choro. Mas como posso conter-me, quando não chorais por vós mesmos, apesar das vossas almas

mortais estarem à beira da destruição? Não sabeis se estais ouvindo o último sermão, ou não, ou se jamais tereis outra oportunidade de chegar a Cristo, admoestava.

Essa paixão irresistível pela pregação da Palavra é a melhor explicação para alguns fenômenos, ou melhor, milagres espirituais que acompanhariam a carreira ministerial de Whitefield. Em 1750, por exemplo, ele conseguiu reunir dez mil pessoas, diariamente, nas ruas de Londres durante 28 dias, em um evento que, hoje, chamaríamos de cruzadas evangelísticas. Entretanto, a diferença é que ele pregava em uma época em que não havia microfones ou quaisquer outros recursos tecnológicos para ampliar o volume de sua voz. Jornais daquela época registraram que Whitefield podia ser ouvido por mais de 1 km, apesar de seu corpo franzino e de sua voz fraca, por causa dos problemas de saúde. Isso era um milagre de Deus com certeza.

Em outra ocasião, pregando a alguns marinheiros, Whitefield descreveu um navio no olho de um furacão. O sermão foi apresentado de maneira tão real, que, no momento em que o pregador descrevia o barco afundando, foi interrompido pelo grito dos marinheiros apavorados com o que consideraram a própria visão do inferno.

Whitefield, ao contrário do que muitos imaginavam, era um evangelista-missionário. Jamais quis abrir igrejas para levar seus milhares de convertidos. Pelo contrário: ele os orientava a procurarem igrejas locais. Isso porque, dizem seus biógrafos, sua missão evangelística tomava-o de tal forma que não havia nele qualquer interesse na abertura de templos ou em ter conforto. Nas 13 vezes em que realizou cruzadas evangelísticas nos Estados Unidos, Whitefield viajou, a princípio, para colaborar com o orfanato que abria no estado da Geórgia. Ele adorava pregar para os órfãos e, para muitos deles, Whitefield era a única referência paterna.

Aos 65 anos de idade, já muito doente, Whitefield ministrou durante duas horas para uma multidão que o esperava em Exeter, Inglaterra. Na mesma noite, partiu para a cidade de Newburysport, a fim de hospedar-se na casa do pastor local. Durante a madrugada, falou ainda com alguns colegas por cerca de 30 minutos e subiu as escadas para o seu dormitório. Lá, morreu, pregando a Palavra de salvação até o último minuto de vida ao seu companheiro de quarto.

Fonte: Revista Graça, ano 2 n.º 21 – Abril/2001

Suzanna Wesley
(1669-1742)



Suzanna Wesley num retrato de um artista desconhecido, que se encontra na Antiga Reitoria de Epworth.

Susanna Wesley era filha do Dr. Samuel Annesley, ministro "Não conformista" de uma pequena comunidade de fieis em Spitalfields, Londres. Tal como Bartholomew e John Wesley o mais velho, ele tinha sido expulso da sua paróquia (St. Giles, Cripplegate) em 1662. Assim também Susanna cresceu num lar "Não conformista". Contudo a sua independência de espírito evidenciou-se quando ela decidiu, aos treze anos, por sua própria convicção, aderir à Igreja de Inglaterra. Samuel e Susanna casaram em 1688.

A FAMÍLIA WESLEY

Samuel - (1690-1739)
Emilia - (1692-1771)
Susanna - (1695-1764)
Mary - (1696-1734)
Mehetabel - (1697-1750)
Anne - (1702-?)
John - (1703-1791)
Martha - (1706-1791)
Charles - (1707-1788)
Kezzia - (1710-1741)

Esta família foi educada na Antiga Reitoria de Epworth



Antiga Reitoria de Epworth, fotografia de Keith Ellis.

"...TAL ERA A MULHER DO MEU PAI"

Susanna idealizou um sistema de treino religioso e educação para os seus filhos. Para atingir os seus objectivos ela dividiu o dia segundo o seu próprio horário. A partir dos cinco anos ela própria ensinava os seus filhos, incluindo as meninas. À medida que as crianças iam crescendo, dedicava-lhes algum tempo, uma vez por semana, para falar sobre assuntos espirituais.

Estes extractos de uma carta para John, que ele próprio citou no seu Jornal do dia 1 de Agosto de 1742, revelam alguns pormenores do método educacional de Susanna. Tanto John como Charles deram mais tarde um bom testemunho sobre a felicidade que os rodeava em Epworth.

"Para ajudar aqueles que, tal como ela, têm a seu cargo uma família numerosa, não posso deixar de acrescentar mais uma carta que recebi dela há muitos anos":

24 de Julho, 1732

Querido filho,

Dando satisfação ao teu pedido, juntei as principais regras que segui para educar a minha família; envio-tas agora tal qual me vieram à memória, podendo tu (se as considerares úteis) utilizá-las pela ordem que mais te agradar.

Sempre habituei as crianças a serem metódicas em coisas simples, desde o seu nascimento: no vestir, no despir, na mudança da roupa, etc. Os primeiros três meses são passados geralmente a dormir. Depois, se possível, as crianças devem ser colocadas nos seus berços acordadas e embaladas até adormecerem; e assim eram embaladas até ser altura de as acordar. Isto era feito para as obrigar a um determinado ritmo de sono; o qual era ao princípio de três horas de manhã e três horas de tarde; seguiam-se duas horas, até que não dormiam mais.

Quando faziam um ano de idade (e às vezes antes), eram ensinadas a temer a vara e a chorar baixinho; assim não eram frequentemente castigadas e o barulho desagradável das crianças a gritar pela casa raramente se ouvia, vivendo a família geralmente em tranquilidade, não se notando a presença de crianças.

Cada criança tinha um dia para aprender as letras do seu nome; e cada uma delas aprendia todas as letras, maiúsculas e minúsculas, nesse período de tempo. Apenas Molly e Nancy demoraram um dia e meio para as aprenderem; nessa altura pensei que elas eram pouco inteligentes; mas desde que observei o tempo que muitas crianças levam para aprenderem o livro de música para trompetes, mudei de opinião. Mas o motivo que me levou a pensar assim foi porque os restantes aprenderam muito depressa; e o teu irmão Samuel, que foi a primeira criança que eu ensinei, aprendeu o alfabeto em apenas algumas horas. Fez cinco anos no dia 10 de Fevereiro; no dia seguinte começou a aprender; e logo que aprendeu as letras, começou o primeiro capítulo do Génesis. Ensinei-lhe a soletrar o primeiro versículo, depois a lê-lo repetidas vezes, até ele ser capaz de o ler sozinho sem qualquer hesitação; do mesmo modo fiz para o segundo, etc.; até que ele, rapidamente, foi capaz de aprender dez versículos numa mesma lição. Naquele ano a Páscoa foi cedo e pelo Pentecostes ele conseguiu ler um capítulo muito bem; lia continuamente e tinha uma memória tão prodigiosa que não me lembro de lhe ter ensinado a mesma palavra duas vezes.

Extracto do Jornal de 1 de Agosto de 1742

Fonte: Site da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa

W. H. Moore



Walter Harvery Moore nasceu em Foster – Kentucky – Estados Unidos, em 18 de outubro de 1886. Fez os primeiros estudos na cidade de Richmond, bacharelou-se em ciências e letras no Wesleyan College, de Winchester, Kentucky e em zoologia na Universidade de Emory, de Atlanta, Geórgia. Mais tarde recebeu o grau de Doutor em Divindade.

Veio para o Brasil em 1919, onde passou a lecionar história, no Granbery. Em 1922, assumiu a direção do colégio, e neste cargo permaneceu até 1940.

Após deixar e pela sua importância como educador, foi homenageado com nome de rua (no centro de Juiz de Fora), com a Comenda Henrique Halfed, com a cidadania Honorária de Juiz de Fora e Minas Gerais e com a Comenda Cruzeiro do Sul.

Educador exemplar forjou na alma de seus alunos, a través do exemplo, a necessidade de se levar uma vida reta, sem vícios e onde o bem ao próximo estivesse sempre em primeiro plano– “viemos ao mundo para servir e não para ser servido” - dizia e praticava.

PIONEIRO.: a primeira Faculdade de Pedagogia da América latina, surgiu por iniciativa de Mister Moore, que não admitia o fato de não haver no Brasil uma escola especializada na preparação de professores, dessa forma criou-se no Granbery, com o objetivo de formar autênticos pedagogos, com o objetivo de instruir, mas mostrar um caminho reto de vida a ser seguido.

Foi mo fundador da Academia Granberyense de Letras, criada com o objetivo de disseminação da cultura e incentivo à produção literária por parte dos alunos.

DESPIDO DE PRECONCEITO.: a grande enchente, que aconteceu em Juiz de Fora, em 1940, deixou várias pessoas desabrigadas, entre elas as prostitutas, que residiam na parte baixa, próxima a Rio Paraibuna, que foram muito penalizadas pela enchente e a quem a hipocisia vigente à época negava qualquer tipo de ajuda. Este não era o caso de Mister Moore, que pessoalmente, ajudou a resgatá-las, acolhendo-as no Granbery, onde encontraram abrigo, alimento e palavras de conforto.

HUMANISTA.: mesmo sem professar ideologias socializantes, Mister Moore, a sua maneira, praticava o socialismo. O que pode ser comprovado por quanto episódios distintos.

a) O Granbery possuía um funcionário que tendo passado por grave enfermidade, não conseguia cumprir suas tarefas a contento. Foi pedido a Mister Moore que o demitisse em função disso, sabedor de que o funcionário tinha família para sustentar e que não arranjaría emprego em outro lugar, Mister Moore manteve-o no cargo dizendo apenas : “ A cada um se dá acordo com sua necessidade e cada um dá de acordo com sua capacidade ”.

b) Os menores que faziam a capina entre o calçamento das ruas recebiam, ao entardecer, alimentação no Granbery, podendo usar suas quadras esportivas. E no final do ano Mister Moore lhes doava alimentos para levarem as suas famílias.

c) Construiu para os funcionários um refeitório, onde o Granbery lhes oferecia a mesma alimentação que era servida aos alunos do internato.

d) Revertia os lucros da Escola em bolsas de estudos para pessoas carentes.

PEDAGOGO: homem que pensava e acreditava na educação, criou no Granbery um curso noturno que proporcionava aos funcionários e aos moços pobres das redondezas a instrução necessária para que pudessem galgar melhores posições na vida. Sendo, dessa forma, também precursor da alfabetização de adultos.

Criou no Granbery, classe especial para alunos maiores, que vinham das zonas rurais, para que pudessem cursar a escola primária, em um ambiente mais propício, onde não houvesse impecílios para que pudessem desenvolver toda sua potencialidade.

PACIFISTA.: de volta aos Estados Unidos, em plena guerra fria, onde imperava o ódio racial e às ideologias, se engajou em movimentos pacifistas e contra o racismo, sendo Pastor da Igreja Metodista dos negros em Washington, participando de passeatas e fazendo palestras em prol da paz, da igualdade e da fraternidade.

Mister Moore viveu o Evangélico em toda sua plenitude e sua semente não foi, em vão, pois segundo Coelho Netto “ Não há lavoura mais bela que a do mestre porque pão é pasto e edéia é luz ”.

A luz irradiada por Mister Moore, ainda hoje, ilumina o caminho de muitas vidas.

Fonte: http://www.caiuas.hpg.ig.com.br/mr__moore.htm

H. C. Tucker



Apresentar o perfil biográfico do dr. Hugh Clarence Tucker é tarefa de extrema responsabilidade. Falar de Tucker é falar da disseminação da Bíblia Sagrada em solo brasileiro. É falar do Protestantismo no Brasil. É falar da própria história da Igreja Metodista. É falar do primeiro trabalho social da Igreja Metodista no Brasil. É falar do Colégio Bennett e do Instituto Granbery, este último criado para formar pastores para a Igreja e professores para as escolas metodistas

Tucker nasceu no dia 04 de outubro de 1857 e gastou a maior parte de sua operosa vida no Brasil. Um dos homens fortes da Igreja Metodista, gozava da confiança da Junta de Missões e do bispo John Cowper Granbery, o primeiro bispo metodista a vir ao Brasil (1886), de quem era genro. Representava a Junta de Missões em reuniões mundiais e no Brasil e era uma das figuras mais importantes no mundo.

No dia 16 de setembro de 1886, Tucker, juntamente com James L. Kennedy e John Willian Tarboux, fundou a Conferência Anual Brasileira. No ano seguinte, com quase dois anos à frente de uma igreja onde congregava-se a colônia norte - americana, no Rio de Janeiro, aceitou o convite e foi nomeado secretário da Sociedade Bíblica Americana, com escritório nesta cidade. Sua incumbência: divulgar a Bíblia Sagrada, pois, às vésperas da Proclamação da República, o campo, em breve, estaria aberto às missões protestantes.

Semeador da Palavra

Em suas peregrinações, como semeador da Palavra, enfrentou dificuldades enormes. Viu suas Bíblias serem queimadas em praça pública e chegou a ser preso e ameaçado de morte. Em várias oportunidades, foi expulsos dos hotéis e das próprias cidades que visitara. Nada, no entanto, o detinha, pois tinha clareza de seu chamado de criar condições para um despertar espiritual e intelectual das massas.

Como a tradução da Bíblia para o português, feita nos Estados Unidos, não era de seu agrado, nomeou comissão revisora composta por quatro norte-americanos e três brasileiros (Eduardo Carlos Pereira, Antônio Trajano e Hypólito de Oliveira Campos). Perfeccionista, Tucker ainda contou com o apoio de Machado de Assis e de Rui Barbosa, pois, "havia alguns trechos que não estavam bem. Só mesmo um escritor seria capaz de dar vida àquelas palavras" (entrevista concedida por Tucker para Diretrizes- Um Semanário a Serviço da Liberdade. Rio, 20/4/1944).

Tucker, naturalmente, aproveitou-se da admiração que "essa gente" nutria pelo modelo norte-americano para conquistar novos espaços. Conheceu vários e ilustres republicanos e gostava de repetir que se relacionava muito bem "com todos os presidentes da República. Fui amigo de Prudente de Moraes. Fui amigo de Saldanha Marinho, do Visconde Nogueira da Gama, do Barão Homem de Melo". Das mãos de Oswaldo Aranha recebeu o distintivo de Oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. No entanto, como gostava de afirmar, "o povo também é meu amigo.

Os meus melhores e mais caros amigos são gente do povo".

Em 1892, alguns homens extraordinários reuniram-se com Tucker em seu escritório. Sentados em caixas de Bíblias, fundaram ali mesmo a Associação Cristã de Moços. Até 1934, Tucker percorreu várias vezes praticamente todos os Estados.

Seu sonho era ver os brasileiros lendo a Palavra de Deus. Durante esses anos foram distribuídos milhares de exemplares das Escrituras, em português, italiano, alemão, polonês, inglês e árabe. Por esse trabalho notável, a Sociedade Bíblia Americana, em 1934, concedeu-lhe o título de "Secretário Emérito", por seus 47 anos de dedicação à causa bíblica no Brasil.

Em 1900, no alvorecer do século XX mais precisamente no dia 31 de julho, J. M. Lander, presidente do Granbery (reitor, na atual nomeação), conseguia o apoio de Tucker para a realização de um sonho ainda não alcançado, mas que se mantém vivo no coração dos granberyenses. A diretoria aprovou a idéia de chamar grande reunião em Juiz de Fora e a consagração da pedra angular da futura Universidade Metodista do Brasil, no dia 1º do Século XX, e autorizou o tesoureiro a preparar o material para tal cerimônia.

Cristão de obras

Nos dias 25 a 28 de julho de 1903, teve lugar em São Paulo, reunião constituinte da Aliança Evangélica Brasileira. Foram eleitos Hugh Clarence Tucker, missionário metodista, presidente, e F. P. Soren, batista, secretário.

Servir ao próximo era sua preocupação primeira. Atuou como secretário Geral da Junta Geral de Ação Social, por 16 anos (quatro mandatos). No Rio de Janeiro, onde vivia, Tucker, com seu dinamismo e determinação, desenvolveu importantes atividades nessa área da Igreja Metodista.

O destaque fica por conta do Instituto Central do Povo, o primeiro centro social organizado no Brasil, em 1906, destinado a atender os habitantes da favela da Saúde e Gamboa. No local, funcionou primeiramente uma creche. Muito embora haja controvérsia sobre o assunto, nos arquivos do Instituto Central do Povo, consta ser esta a primeira creche popular existente no Estado do Rio.

A proposta do ICP era, realmente, ambiciosa e pioneira, ao concentrar em suas dependências, escola dominical e atividades cívicas, consultório médico e dentário, farmácia e laboratório, cursos profissionalizantes, Departamentos de Surdos-Mudos, cujas classes eram dirigidas por professores "habilitadíssimos", atendimento jurídico e muito mais. Pela forma de pensar e pela maneira decidida com que Tucker trabalhava a promoção humana integral, sugere que sua proposta não era assistencialista.

Entre 1903 e 1908, a febre amarela assolava o país. Tucker, sua esposa e seu primeiro filho, também foram atacados pela febre. Preocupado, juntamente com sua esposa, com essa verdadeira tragédia e tendo lido sobre o trabalho do dr. Walter Reed no saneamento de Cuba, Tucker pôs o dr. Oswaldo Cruz em contato com Reed e outros nos Estados Unidos, e serviu de intermediário durante a campanha de saneamento que livrou o Rio de Janeiro desse flagelo.

Mesmo após Oswaldo Cruz ter vencido a grande batalha, a luta da família Tucker contra a febre amarela continuava. Infelizmente, o primeiro e o único filho homem da família não resistiu ao inimigo e morreu. Tudo indica que essa tragédia levou Tucker a se dedicar, de maneira incansável, para melhorar as condições sanitárias do Rio.

Trabalhou em campanhas públicas contra a tuberculose, a lepra e doenças venéreas. Foi nomeado representante no Brasil da Missão Americana entre os leprosos. Ademais, participou da fundação do Hospital dos Estrangeiros e, depois do Hospital Evangélico, no Rio de Janeiro de quem foi presidente (1904-1908).

Introduziu no Brasil o primeiro "playground" para crianças, na cidade do Rio de Janeiro, inaugurado a 12 de outubro de 1911. Ao ato estiveram presentes figuras as mais proeminentes da cidade. Com muita ousadia, em 1922, no 1º Congresso de Proteção à Infância, Tucker compareceu e falou sobre a importância da Educação Física na Pré-Escola. No 2º Congresso, voltou a ter uma participação ainda mais importante ao discorrer sobre um tema até hoje bastante complexo: a educação sexual.

Conquanto estivesse sempre pronto a ultrapassar as barreiras do denominacionalismo, Tucker, com sua lealdade às causas metodistas, desempenhou papel importante no processo de autonomia da Igreja Metodista no Brasil.

No dia 03 de setembro de 1930, foi chamado para presidir os trabalhos do I Concílio da Igreja Metodista do Brasil, realizado no templo da Igreja Metodista Central de São Paulo. Na oportunidade, J. W. Tarboux foi eleito bispo. Na noite do dia 13 de janeiro de 1934, Tucker e Kennedy são convidados pelo bispo Tarboux para auxiliarem-no no ofício religioso de consagração do bispo César Dacorso Filho.

Em 1942, a Igreja Metodista aceita o convite que lhe foi formulado pelo Conselho Mundial de Igrejas. O secretário- executivo da Junta Geral de Ação Social, H. C. Tucker, assina o documento de aceitação do convite, juntamente com bispo César.

Depois de ter voltado a residir nos Estados Unidos, Tucker fez algumas visitas ao Brasil. Na última delas, em novembro de 1949, foi homenageado pela Sociedade Bíblica do Brasil, pelo Instituto Central do Povo, pelo Colégio Bennett e por outras instituições da cidade do Rio de Janeiro.

Finalmente, no dia 5 de novembro de 1956, a Rádio Nacional, no "Repórter Esso", divulgava uma notícia lamentável: "Faleceu ontem (dia 4) nos Estados Unidos da América, o rev. H. C. Tucker, um dos fundadores da Igreja Metodista do Brasil".

Muito embora a limitação do relato, Tucker, testemunha ocular de alguns dos momentos culminantes da História do Brasil e da Igreja Metodista, pelo muito que realizou, pode ser considerado, sem sombra de dúvida, um dos maiores vultos do século 20.

Artigo do pastor Joel Dias da Silva. Publicado no jornal oficial da Igreja Metodista, "Avante"

Fonte: <http://www.tabernaculo.com.br/arquivo/2001/junho/paginas/testemunhos.htm>

Fanny Crosby



Cega desde criança, Fanny Crosby tornou-se a maior compositora de hinos sacros de toda a História.

A vida da poetisa e compositora Fanny Jane Crosby (1820-1915) é tão impressionante quanto à qualidade e quantidade de seus hinos. Ao todo são quase nove mil hinos que incentivam a mudança de vida de pecadores, encorajam cristãos e inspiram toda a humanidade até os dias de hoje. É difícil ficar passível diante da força das palavras do hino 15 do tradicional Cantor Cristão, cujo título é Exultação:

"A Deus demos glória,
com grande fervor,
Seu Filho bendito por nós todos deu
A graça concede ao mais vil pecador,
abrindo-lhe a porta de entrada no céus
Exultai, exultai,
vinde todos louvar a Jesus, Salvador,
a Jesus redentor
a Deus demos gloria,
porquanto do céu,
seu filho bendito,
por nós todos deu! "

A beleza e o poder contidos nesses versos surpreendem ainda mais por terem sido escritos por uma mulher que ficou cega com apenas seis semanas de vida. Sua vida foi a prova de que dificuldade alguma pode conter a unção de Deus, nem mesmo tirar o prazer de um dos servos. Em outro de seus mais famosos e belos cânticos, intitulado Segurança, ela escreveu:

"Vivo feliz,
pois sou de Jesus,
e já desfruto o gozo da luz [...]
Canta minha alma, canta ao Senhor,
rende-lhe sempre ardente louvor."

Outra curiosidade na vida da maior autora de hinos da história da música sacra é o fato de ela ter escrito seu primeiro cântico aos 44 anos.

Infecção nos olhos

Nascida em 24 de março de 1820 no município de Putnam, em Nova Iorque, Fanny tinha pouco mais de um mês de vida quando sofreu uma infecção nos olhos. O clínico geral estava fora da cidade e um outro médico fora chamado para tratar do caso. Receitou cataplasmas de mostarda quente e o efeito foi desastroso: a menina ficaria cega pelo resto da vida. O

"médico" teve de fugir da cidade, tamanha a revolta suscitada entre os parentes e vizinhos do bebê.

Aos cinco anos, foi levada pela mãe para consultar o melhor especialista no país, o Dr. Valentine Mott. Uma coleta feita entre os vizinhos pagou a viagem. O pai de Fanny já havia morrido e a situação financeira da família era muito difícil. O sacrifício, infelizmente, foi em vão, já que o médico decretou o caso como incurável.

A menina teve então de acostumar-se as dificuldades, ao mesmo tempo em que demonstrava uma habilidade incomum para compor poesias. Naquela época, a mensagem do Evangelho foi plantada no coração da jovem Fanny, por intermédio de sua avó. Era ela quem passava horas lendo Bíblia para a menina, que demonstrava ter uma memória extraordinária: decorou diversos trechos do Livro de Rute e dos Salmos. Aos 15 anos, ela entrou para o Instituto de Cegos de Nova Iorque, para onde voltaria anos depois para ensinar Inglês e História. Como aluna e professora, Fanny passou 35 anos na mesma escola.

Testemunho do fé

Em 1844, escreveu seu primeiro livro de poemas - A menina cega e outros poemas. Uma de suas primeiras participações como compositora aconteceu em um dos cultos de Dwight L. Moody, um dos maiores pregadores da história do Evangelho, que realizava uma conferência na cidade de Northfield, no estado de Massachussetts. Impressionado com o talento de Fanny, Moody pediu que ela contasse o testemunho pessoal de sua fé e de seu relacionamento com Deus.

Assustada, Fanny a princípio relutou, mas depois leu a letra de um hino que acabara de escrever: "Eu o chamo de meu poema da alma. Às vezes, quando eu estou preocupada, eu repito isto para mim mesma, e essas palavras trazem conforto ao meu coração", disse ela, antes de recitá-lo. O hino, é verdade, não é citado em sua biografia, mas isso, de fato, pouco importa, já que poderia ser qualquer um daquelas centenas de cânticos que embalaram o avivamento americano no século 19, período que ficou conhecido como O Grande Despertamento. Naquela ocasião, os momentos de apelo à conversão eram freqüentemente inspirados por palavras como as do hino Mais perto da Tua cruz, composto por Fanny Crosby, em 1868:

"Meu Senhor sou Teu
Tua voz ouvi, a chamar-me com amor
[...] mais perto da Tua cruz
leva-me, ó Senhor."

Fanny era membro da Igreja Episcopal Metodista, de Nova Iorque. Ela era uma oradora devota e freqüentemente preparava os cultos infantis da igreja.

Casamento

Em 1858, Fanny casou-se com o professor de música e cantor de concerto Alexander Van Alstyne. Nessa época, ela havia deixado o ensino para acompanhá-lo tocando piano e harpa em apresentações públicas. Compôs diversas canções populares nesse período. Na mesma ocasião, a vida trouxe-lhe urna das maiores aflições que uma pessoa pode enfrentar: a perda de um filho. A criança, seu único filho, morrera ainda pequena.

Em 1864, por influência do famoso evangelista, escritor e compositor William Bradbury, que tem dezenas de canções registradas nos hinários e cantores cristãos até hoje, Fanny passou a escrever exclusivamente músicas sacras. Apaixonada por crianças e motivada pela perda irreparável de seu filho, a compositora criou um estilo próprio: Achei que as crianças também tinham de entender as letras e as melodias teriam de ser simples também. Ela esforçou-se para retratar os temas do céu e o retorno de Cristo com palavras simples.

Ímpeto criativo

O número extraordinário de composições da autora pode ser explicado não só pelo ímpeto criativo de Fanny, mas também pelo fato de ela ter um contrato de trabalho com uma editora, a Biglow & Co., que a obrigava a entregar três composições novas a cada semana. Ela chegou a compor sete canções em apenas um dia. Como de hábito, não iniciava seu trabalho sem antes dedicar horas à oração.

Curiosamente, Fanny não escrevia as letras de seus hinos, por nunca ter dominado o método Braille. Dona de uma memória extraordinária, memorizava-as facilmente. Quando morreu, aos 94 anos, amigos e parentes escreveram na lápide de sua sepultura: Ela fez o máximo que pôde. Sem dúvida, foi uma heroína da fé.

Fonte: Revista Graça, ano 2, n.º 25 – Agosto/2001 (Texto de Marcelo Dutra)